

# Almeida Garrett – Rosa pálida

Rosa pálida, em meu seio  
Vem, querida, sem receio  
Esconder a aflita cor.  
Ai! a minha pobre rosa!  
Cuida que é menos formosa  
Porque desbotou de amor.

Pois sim... quando livre, ao vento,  
Solta de alma e pensamento,  
Forte de tua isenção,  
Tinhas na folha incendiada  
O sangue, o calor e a vida  
Que ora tens no coração.

Mas não eras, não, mais bela,  
Coitada, coitada dela,  
A minha rosa gentil!  
Coravam-na então desejos,  
Desmaiam-na agora os beijos...  
Vales mais mil vezes, mil.

Inveja das outras flores!  
Inveja de quê, amores?  
Tu, que vieste dos céus,  
Comparar tua beleza  
Às filhas da natureza!  
Rosa, não tentes a Deus.

E vergonha!... de quê, vida?  
Vergonha de ser querida,  
Vergonha de ser feliz!  
Porquê?... porquê em teu semblante  
A pálida cor da amante  
A minha ventura diz?

Pois quando eras tão vermelha

Não vinha zangão e abelha  
Em torno de ti zumbir?  
Não ouvias entre as flores  
Histórias dos mil amores  
Que não tinhas, repetir?

Que hão-de eles dizer agora?  
Que pendente e de quem chora  
É o teu lânguido olhar?  
Que a tez fina e delicada  
Foi, de ser muito beijada,  
Que te veio a desbotar?

Deixa-os: pálida ou corada,  
Ou isenta ou namorada,  
Que brilhe no prado flor,  
Que fulja no céu estrela,  
Ainda é ditosa e bela  
Se lhe dão só um amor.

Ai! deixa-os, e no meu seio  
Vem, querida, sem receio  
Vem a frente reclinar.  
Que pálida estás, que linda!  
Oh! quanto mais te amo ainda  
Dês que te fiz desbotar.

**Almeida Garrett, Folhas caídas**